

VÍNCULO AFETIVO MATERNO

• processo fundamental à saúde mental •

Celeste Sá Oliveira do Espírito Santo*, Maria Antonieta Nascimento Araújo**

Autor correspondente: Celeste Sá Oliveira do Espírito Santo - celeste.sa.oliveira@gmail.com

* Psicóloga Clínica, especialista em Atenção Básica à Saúde Mental. Possui graduação em Psicologia pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Bahia

** Psicóloga, mestre em Educação, docente do Curso de Psicologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Coordenadora da Especialização em Saúde Mental e Atenção Básica da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública

Resumo

Este artigo apresenta uma pesquisa bibliográfica cujo objetivo foi explorar o direcionamento de pesquisas contemporâneas na temática binária *vínculo afetivo materno e saúde mental* investigando se, nas suas respectivas formulações teóricas, há uma aproximação com os referenciais da psicanálise. Os dados foram coletados na base do *Scientific Electronic Library Online - SciELO*, tendo sido utilizadas as palavras-chaves *vínculo mãe-bebê, apego, risco e saúde mental*. Foram selecionadas as publicações de 2014, em língua portuguesa. A análise dos dados levantados levou à identificação de um direcionamento dos estudos para cinco categorias: *fatores de risco e de proteção* – tema prevalente, evidenciando preocupação com a integridade física e psíquica da criança e, em especial, do bebê - *instrumentos de avaliação* destes riscos, bem como às questões que envolvem a *subjetividade parental* além de um avanço em tema pouco abordado, em geral, nas pesquisas científicas: a importância da *participação paterna* no desenvolvimento infantil. É comum, entre os estudos analisados, a consideração da primeira fase do desenvolvimento humano como um momento de construção simbólica, a partir de uma vivência de proximidade física e emocional da criança com a mãe, ou pessoa substituta, que exerça a função materna nos primeiros anos de vida do bebê. É prevalente a utilização da psicanálise e de estudos psicanalíticos, sobretudo de Bowlby e Winnicott, como recursos teóricos para o entendimento dos objetos de estudos identificados. A partir das conclusões deste estudo, considera-se de relevância que as políticas de saúde, principalmente as relacionadas à atenção humanizada, deem especial atenção aos cuidados nos períodos da gestação bem como no período peri-natal e pós-natal. Além disso, incentiva-se a que novos estudos possam abordar diádes de diferentes arranjos familiares da contemporaneidade - paternidade compartilhada, adoções de bebês por casais homoafetivos, dentre outros.

Palavras-chave: Vínculo mãe-bebê. Apego; Risco; Saúde mental.

MOTHER-INFANT BONDING

• a process essential to the individual mental health •

Abstract

This article results from a bibliographic research aimed to explore how contemporary research has looked upon the relation between mother-child bonding and mental health, mainly when it comes to psychoanalysis among the many theoretical available approaches. Data was collected from the *Scientific Electronic Library Online* – SciELO. The keywords used to retrieve articles related to the themes were mother-child bonding, attachment, hazard and mental health. Only publications in Portuguese were selected from the year of 2014. Data analysis lead to the identification of five main categories to the studies: *hazard risk and protection* – a very prevalent theme, pointing to a concern about the children's and in particular babies' physical and mental integrity. A second category would be the hazards *assessment tools*, as well as *the parental subjectivity*. Besides that, an advancement in the previously neglected theme of the *father participation* in the children's development has been identified. It's has been found to be rather common, among the analyzed studies, to have the first phase of human development regarded as a moment of symbolic associations, through experiences of physical and emotional proximity between mother and child, or the related person playing that particular role in the early years of the children. Psychoanalysis as well as psychoanalytical studies, specially those by Bowlby and Winnicott, have been found to be used as assessment resources to better understand the subjects in that point of view. It has been concluded that mental health policies, in particular those towards the humanization of the attention devoted to the mothers, either before and after birth, are rather important to the well being of both mother and children. We strongly recommend that new studies concerning the children bonding should be conducted to include the contemporary diverse options such as shared parenting and custody, adoption by homoparental couples etc.

Keywords: Mother-infant bonding; Bonding; Hazzard; Mental Health.

1 INTRODUÇÃO

Este é um estudo bibliográfico cujo objetivo foi explorar o direcionamento de pesquisas contemporâneas na temática binária *vínculo afetivo materno e saúde mental* investigando se, nas suas respectivas formulações teóricas, há uma aproximação com os referenciais da Psicanálise.

O vínculo materno, neste artigo, será compreendido na perspectiva do vínculo afetivo envolvendo emoções e sentimentos na díade mãe-filho, ou pessoa substituta, que exerça a função materna nos primeiros anos de vida de uma criança. Aqui, o

conceito “afetivo” responde aos pressupostos psicanalíticos designando “a ressonância emocional de uma experiência geralmente forte”, segundo Laplanche e Pontalis.⁽¹⁾

Uma contextualização sócio-histórica dessa relação mãe-filho remeteu à pesquisa de Badinter,⁽²⁾ que revela uma condição infantil até o século XVIII, época em que a criança era tratada com indiferença, frieza e aparente desinteresse, sobretudo pelas figuras parentais. A fragilidade da relação mãe-filho era reforçada na ideologia de que amamentar o

bebê era comportamento pouco digno, o que deveria ser feito escondido por gerar constrangimento. Para a classe burguesa, existiam as amas de leite – camponesas pagas para amamentar – que recebiam as crianças logo após seu nascimento e com quem permaneciam até 4-5 anos de idade. Muitas dessas crianças não retornavam ao seu lar de origem, uma vez que morriam antes, provavelmente por falta de cuidados higiênicos bem como falta de suporte emocional, o que atesta o quantitativo dos óbitos investigados.⁽²⁾

Ariès⁽³⁾ reforça que, na sociedade medieval, não existia o sentimento de infância e que o índice de mortalidade infantil era alto, sendo, portanto, sua sobrevivência improvável; a criança pequena não “contava” como fazendo parte da família até que tivesse ultrapassado os sete anos de idade, quando se misturava aos adultos, sendo tratada como tal. O autor encontrou textos datados de final do século XVIII, de reformadores católicos e protestantes, com propostas para que os pais tratassem os filhos com algumas demonstrações de ternura e amizade, buscando obter sucesso na educação das crianças.

Um dos marcos para essa mudança foi o influente trabalho de Rousseau,⁽⁴⁾ filósofo suíço, sobre recomendações para a educação do homem, ressaltando que os bebês, ao nascerem, não deveriam ser afastados dos seus pais, alertando-os: “Conservai-os a partir do instante em que vêm ao mundo. Logo ao nascer, apropriai-vos dele, não o largueis antes que seja homem: nada conseguireis sem isso. Assim como a verdadeira ama é a mãe, o verdadeiro preceptor é o pai”.⁽⁴⁾

Aos poucos, vai surgindo um novo conceito de cuidados maternos e de mudança relevante no comportamento feminino, promovendo uma alteração no papel social da mãe quanto à criação e cuidado dos filhos.

Nesse percurso histórico, e com o advento da Psicanálise e dos estudos de Freud,⁽⁵⁾ no século XX, novos sentidos foram agregados a esse contexto relacional mãe-bebê. Nas suas pesquisas com pacientes adultos, Freud identificou nos transtornos

mentais uma relação causal com experiências vividas ou percebidas nas primeiras fases do desenvolvimento infantil. Ele propõe que certas psicopatias e a problemática da angústia neurótica estariam associadas a estados de angústia e desamparo na infância, situações nas quais a criança foi separada da mãe ou privada de seu vínculo em período significativo. Afirma ele que, a partir dessa condição, sentimentos surgem ligados ao medo da perda do amor.

Para Freud,^(5:151) um estado de desamparo biológico seria gerador das primeiras experiências de angústia: “O fator biológico, então, estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado que acompanhará a criança durante o resto de sua vida”.

Em uma linha do tempo, após as formulações teóricas freudianas, outros estudos psicanalíticos as seguiram envolvendo a díade mãe-bebê. Serão destacados, neste estudo, os de Bowlby⁽⁶⁾ e Winnicott.⁽⁷⁾

Em sua investigação para a Organização Mundial da Saúde (OMS),⁽⁸⁾ nos anos 50, Bowlby^(5:3) já defendia “[...] ser essencial à saúde mental, que o bebê e a criança pequena tenham a vivência de uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe (ou mãe substituta permanente...), na qual ambos encontrem satisfação e prazer”.

É fato que o bebê, ao nascer, é um ser ainda incapaz de sobreviver sozinho e de prover suas necessidades, dependendo de um adulto cuidador e responsivo, que lhe propicie os recursos que faltam para a nutrição física e higiene e lhe ofereça suporte emocional. Se isso ocorre com uma figura constante – a mãe ou um cuidador substituto competente – estes são denominados por Bowlby⁽⁹⁾ como Figura de Apego e essa relação poderá proporcionar à criança um desenvolvimento biopsicofetivo seguro e saudável.

Winnicott⁽⁷⁾ reforça essa tese nomeando de vínculo seguro ou vínculo afetivo satisfatório aquela relação na díade que produz na criança um ego fortalecido graças ao apoio do ego da mãe. Essa criança, segundo o autor, cedo se torna verdadeiramente

te ele(a) mesmo(a), capaz de expressar e lidar com todos os tipos de sentimento.

Estudiosos da Psicologia com foco no desenvolvimento infantil, como Bee⁽¹⁰⁾ e Spitz,⁽¹¹⁾ ratificam também que as vinculações familiares seguras, quando na infância, promoveriam uma apreensão mais positiva da realidade bem como autoestima e vínculos afetivos satisfatórios na vida adulta.

Bee⁽¹⁰⁾ denuncia que um dos perigos mais temíveis da infância é a eventual ocorrência de abuso físico, sexual ou psicológico ou negligência aos cuidados físicos ou emocionais para com a criança. Essas crianças têm a sua saúde mental ameaçada, podendo apresentar medos, baixa autoestima, transtorno de estresse pós-traumático, hiper vigilância, problemas de relacionamento interpessoal, atenção, concentração, de violência e até delinquência, variando de intensidade conforme o tempo prolongado do abuso.

Os dados citados correspondem à afirmação no relatório da American Academy of Pediatrics (2002) de que a severidade das consequências da violência no desenvolvimento psíquico do sujeito é influenciada pela intensidade, gravidade, frequência, cronicidade e apaziguamento ou realce dos fatores relacionados aos cuidadores da criança, da própria criança ou do ambiente, podendo o estágio do desenvolvimento desta última influenciar também nas consequências da violência psicológica sobre ela.

Em estudos referentes ao primeiro ano de vida, Spitz⁽¹¹⁾ afirma ser importante educar o bebê para torná-lo capaz de suportar frustrações do momento presente, o que favorecerá maior tolerância às frustrações que ocorrerão no futuro. Defende Spitz⁽¹¹⁾ ser este aspecto de vital importância, uma vez que prazer e desprazer têm um papel igualmente importante na formação do sistema psíquico e da personalidade do sujeito.

Com este percurso de elaboração teórica e de construção de sentido sobre o vínculo materno e a relação deste com a saúde mental, levantaram-se os seguintes questionamentos: Quais objetos de estudo nesta temática têm despertado o interesse

de pesquisadores na atualidade? Quais bases teóricas da Psicologia aproximam-se de tais estudos?

2 MÉTODO

Buscando responder aos objetivos desta investigação, optou-se por analisar artigos científicos, monografias e teses referentes ao seu tema central que foram publicados na base de dados do Scientific Electronic Library Online (SciELO), em 2014, levando-se em conta as palavras-chave: vínculo mãe-bebê, apego, risco e saúde mental. O foco na relação mãe-bebê deve-se ao fato de que esta é uma fase primordial para a construção dos primeiros vínculos afetivos na criança. Foram selecionadas publicações em texto completo e revisados por pares.

Além disso, foi feita uma revisão na literatura já existente sobre a Psicanálise e a Psicologia do Desenvolvimento de base psicanalítica tratando especificamente das questões de vínculo materno e sua relação com a saúde mental.

Após a identificação do universo das publicações, estas foram submetidas a uma leitura prévia, excluindo-se as que não tinham relação direta com o objeto de estudo desta pesquisa. Em seguida, com uma leitura seletiva dos artigos levantados, foram tabulados e categorizados os trabalhos, a partir dos seus objetivos, formulações teóricas e conclusões, procedendo-se, então, à análise dos resultados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

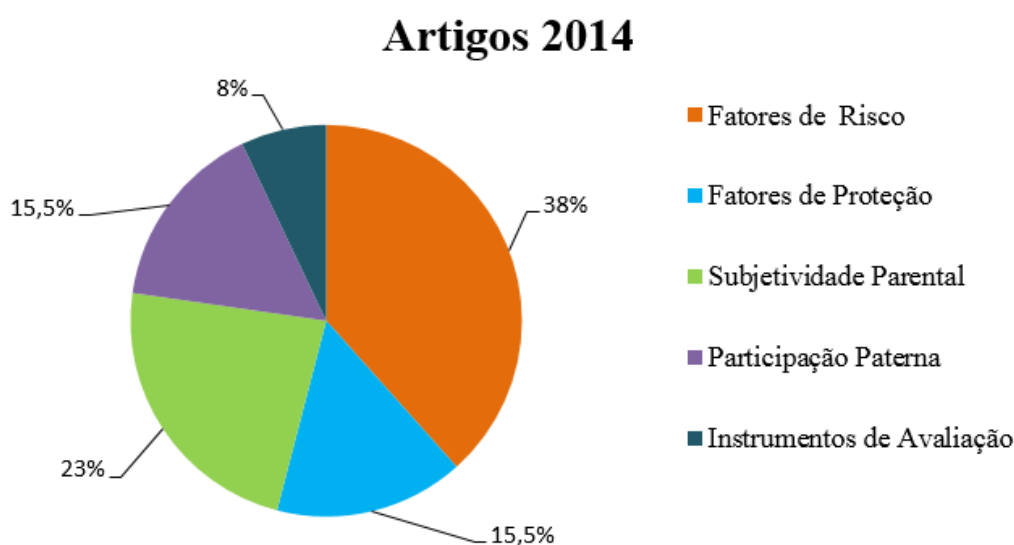
No levantamento bibliográfico, foram detectados 48 trabalhos acadêmicos publicados no ano de 2014, sendo que 13 deles serviram a este estudo por estarem integrados à temática vínculo materno e saúde mental. Nestes, foram levantadas cinco categorias quanto ao foco de interesse: *Fatores de Risco* que podem influenciar negativamente o desenvolvimento mental do bebê (5-38%); *Fatores de Proteção* que podem influenciar positivamente (3-

15,5%); *Subjetividade Parental* na díade mãe-bebê (3-23 %); *Participação Paterna* nas práticas de cuidados ao bebê (2-15,5%) e *Instrumentos de Avaliação* do vínculo mãe-bebê (1-8%).

O gráfico 1 é indicativo de uma maioria de estudos (53,5%) tratando tanto dos fatores de risco quanto de proteção, evidenciando preocupação

com a integridade física e psíquica da criança e, em especial, do bebê, e uma priorização da primeira fase do desenvolvimento infantil como um momento de proximidade necessária à díade mãe-filho, o que é antagônico ao período da humanidade quando isso era incogitável, vide os estudos de Badinter⁽²⁾ e Ariès.⁽³⁾

Gráfico 1 – Artigos 2014



Fonte: SciELO.

Nos artigos que analisaram os *Fatores de Risco* – que podem afetar negativamente a qualidade e a disponibilidade do cuidado e a interação mãe/criança e, conseqüentemente, o desenvolvimento infantil – os aspectos estudados referem-se à influência no vínculo mãe-bebê, no caso de nascimento prematuro do bebê,⁽¹²⁾ da mãe com transtorno mental no período pré e pós-gestacional,⁽¹³⁾ na depressão pós-parto,⁽¹⁴⁾ no uso da chupeta dificultando a proximidade mãe-bebê⁽¹⁵⁾ e na relação da mãe com bebês gêmeos aos nove meses de idade.⁽¹⁶⁾

Os riscos identificados nas pesquisas relacionam-se com fatores biológicos, psicológicos e aspectos do desenvolvimento. Tanto o artigo referente à depressão pós-parto quanto o que trata da mãe com transtorno mental ressaltam as diversas e pro-

váveis conseqüências nocivas ao desenvolvimento psíquico de uma criança quando cuidada por uma mãe com transtorno mental.⁽¹⁴⁾

Tal situação está de acordo com o relatório da American Academy of Pediatrics (2002) que identifica, entre alguns fatores de risco para a ocorrência da violência psicológica associados aos pais: habilidades parentais pobres, abuso de substâncias psicoativas, depressão, tentativas de suicídio, baixa autoestima, pais autoritários, perda da empatia, estresse social e violência doméstica.

Os estudos que tratam do nascimento prematuro e de dificuldades na relação mãe-bebê também denotam o risco já afirmado por Bowlby⁽⁶⁾ com efeitos na sua saúde mental. A partir de seus estudos nesta temática, esse autor observou que, assim como algumas circunstâncias

de ordem fisiológica – que, porventura, ocorram durante a gestação – podem causar danos irreversíveis para o desenvolvimento físico, as experiências emocionais negativas, em determinados estágios precoces da vida mental da criança, também podem produzir efeitos vitais e duradouros na vida psíquica do sujeito que esse bebê se tornará.

Ainsworth,⁽¹⁷⁾ colaboradora de Bowlby, que estudou sobre as consequências da privação da mãe no desenvolvimento psicológico da criança, ressalta que algumas formas de interação entre mãe e filho(a), denominadas, pela autora, de distorcidas – tais como de hostilidade, rejeição, crueldade, indulgência excessiva, controle repressivo ou na ausência de afeto – também podem causar efeitos negativos no desenvolvimento psíquico do sujeito. Esta situação é passível de acontecer no caso de a criança se encontrar em situação hospitalar pelo nascimento prematuro ou em condição de adoecimento com limitações e cuidados específicos que afetam o seu desenvolvimento e qualidade de vida. Estes foram focos de estudos levantados por esta pesquisa.

Fica constatado, pelas evidências científicas, que um ambiente de desenvolvimento hostil, rejeitador ou controlador provoca maior dificuldade de relacionamento interpessoal e de autonomia no sujeito, gerando situação de vulnerabilidade. Em situações mais graves, como nos casos de depressão puerperal e outros transtornos mentais ou privação da figura materna, além de algum tipo de abuso de ordem sexual ou psicológica, é possível inferir o desenvolvimento de transtornos psíquicos, como consequência, a despeito dos casos de resiliência.

Quanto aos *Fatores de Proteção* – que podem influenciar positivamente no desenvolvimento da criança – foram encontrados dois estudos abordando os seguintes temas: o Método Canguru – como uma estratégia de aproximação no cotidiano da díade mãe-bebê que favorece o contato físico e o cuidado materno, reforçando o envolvimento afetivo precoce⁽¹⁸⁾ e um estudo sobre outra estratégia para fortalecimento do vínculo materno-infantil – o toque da mão da mãe na barriga do bebê.⁽¹⁹⁾ Tal

estudo afirma que a presença ou ausência de toque no início do desenvolvimento emocional tem repercussão na saúde ou no adoecimento do bebê.

Os estudos relacionados aos fatores de proteção tiveram como hipótese a importância do contato físico da mãe com o bebê nas suas primeiras semanas de vida. Eles reforçam a tese de que a ausência desse contato, nos primeiros meses de vida do bebê, pode causar prejuízos ao desenvolvimento psíquico e motor, de acordo com o conceito de *holding*, definido por Winnicott.⁽⁷⁾

Assim, a criança, formada numa relação de vínculo afetivo materno adequado ou numa base segura, desenvolve um apego estável que vai permitir que sua mãe se afaste sem que aquela se sinta desamparada. Neste ambiente tido como seguro, a criança é capaz de desenvolver um sentimento de confiança e segurança em si mesma e no ambiente, como consequência deste vínculo afetivo primário saudável.

Na categoria *Subjetividade Parental*, foram encontrados artigos abordando a influência das crenças maternas^(20,21) sobre o desenvolvimento infantil e como elas guiam a relação mãe-bebê e os modos de cuidar da criança repercutindo isso em seu desenvolvimento. Nessas categorias, há também um estudo acerca do simbolismo do nome que é dado à criança assim que nasce e da repercussão subjetiva disso na família.⁽²²⁾

Cita Bowlby⁽⁶⁾ que a relação estabelecida pela mãe com seu filho(a) será influenciada por suas próprias experiências na infância, principalmente pela forma como foi cuidada e amparada por seus pais ou cuidadores substitutos, bem como pelo quanto ela deseja ou rejeita esse bebê. Oriunda desse padrão de relação parental, decorrerá a forma como ambos os pais irão vincular-se um ao outro e também ao bebê, promovendo ou não apoio às suas necessidades físicas e emocionais.

Isso significa que essa complexa rede que se forma quando do nascimento de uma criança e os cuidados a ela dispensados têm uma influência não apenas de aspectos psicológicos, mas também de aspectos sociais e antropológicos, o que

revela aqueles estudos. Eles denotam a importância do conhecimento quanto à cultura familiar na linha de cuidados, pois esta pode responder a ordens diferentes de comportamentos e atitudes.

Para Spitz,⁽¹¹⁾ as experiências e ações da mãe constituem uma decisiva influência no desenvolvimento de vários aspectos da personalidade do bebê, no seu primeiro ano de vida, sendo que não são as ações conscientes da mãe que mais interferirão nesta relação, mas sim as suas atitudes inconscientes.

Desta forma, este vínculo não se trata de um processo instintivo; ele demanda desejo, cuidado, tempo, compreensão, paciência, atenção e continuidade. Nas situações de inexistência, insuficiência, descontinuidade ou distorção dos cuidados maternos, a saúde mental do bebê ou da criança poderá sofrer danos, às vezes, irreversíveis.

A categoria *Participação Paterna* na interação com o bebê apresentou dois artigos relacionados aos primeiros anos de vida e ao desenvolvimento psicológico da criança como sendo impulsionado pelo seu envolvimento em interações recíprocas com pessoas com quem estabelece relação emocional mútua e permanente, comumente a mãe ou os pais.^(23,24)

Ambos reforçam a participação do pai como possibilidade de influenciar na construção do que Winnicott⁽⁷⁾ chamou de *holding* com a prática da paternidade afetiva, discutindo como este aspecto pode prover condições favoráveis na fase de dependência absoluta do bebê.

Dentre os vários fatores importantes na formação da personalidade do bebê, Winnicott⁽⁷⁾ cita que o *holding e a função materna* têm papel fundamental na integração dos aspectos físicos e psíquicos que a formam, desde o período de desenvolvimento infantil até a idade adulta.

É significativo o fato de artigos já trazerem discussões sobre a figura paterna constatando sua relevância uma vez que, na atualidade, os homens têm assumido muitas funções consideradas, anteriormente, como maternas. Ainda que de interesse mais reduzido os estudos que consideram a relação

paterna, ficou evidente que a presença do pai leva a uma melhor relação conjugal e maior qualidade nas respostas da mãe, favorecendo o desenvolvimento infantil saudável. Pais amorosos, acolhedores, encorajadores, congruentes e que impõem limites adequados aumentam a probabilidade para que essa criança possa se expressar e ser mais confiante em si mesma e no ambiente, reduzindo assim os riscos de comprometimento na saúde mental.

Na categoria *Instrumentos de Avaliação*, foi encontrado apenas um estudo, o qual analisa uma ferramenta para mensurar a qualidade do vínculo mãe-bebê, especialmente no primeiro ano de vida, com o intuito de identificar possíveis transtornos nessa ligação e evitar consequências futuras para a saúde mental da criança.⁽²⁵⁾ Na hipótese apresentada neste estudo, um distúrbio psicogênico infantil precoce cria uma predisposição para o desenvolvimento subsequente de uma psicopatologia, o que já fora levantado por Spitz⁽¹¹⁾ e corroborada pelos estudos de Bowlby⁽⁶⁾ e Winnicott.⁽⁷⁾

Este último afirma que o ambiente se constitui em elemento fundamental para a saúde mental do sujeito, a ponto de considerar as falhas ambientais como a etiologia principal dos quadros psicopatológicos. Os pacientes psiquiátricos tendem a ser vistos “não como portadores de doenças, mas vítimas da batalha humana pelo desenvolvimento, pela adaptação e pela vida”, na visão de Winnicott.^(7:106)

4 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se retomar o objetivo deste estudo de investigar os caminhos de interesse de pesquisas contemporâneas, na temática do vínculo afetivo materno e saúde mental analisando as suas respectivas bases teóricas e aproximação com a psicanálise, pode-se afirmar que, da amostra de artigos levantada, todos dialogam direta ou indiretamente com autores desta vertente teórica, sobretudo com as formulações de Bowlby e Winnicott.

Os resultados constatarem que atitudes, ações, reações e emoções, conscientes ou inconscientes,

da mãe, ou do primeiro cuidador, influenciam no desenvolvimento psíquico do bebê, como relatado na literatura psicanalítica. As pesquisas apontam para a questão da relevância dos aspectos inerentes à relação mãe-bebê e de como atitudes responsivas – de empatia, disponibilidade emocional e *holding* – podem ser consideradas vitais para o estabelecimento de um vínculo materno saudável.

Destaca-se também a atenção dos pesquisadores às estratégias que envolvem o contato físico da mãe com o bebê como fonte de cuidado e, ao mesmo tempo, de suporte ao desenvolvimento, depositando nele um valor simbólico positivo. Neste sentido, ficou evidente uma predominância da psicanálise como recurso teórico para a leitura dos resultados das pesquisas analisadas, que comungam com o fato do vínculo mãe-bebê ser um ponto vital de constituição do sujeito e de determinação da sua saúde mental.

A partir dos dados e conclusões desta investigação, considera-se de relevância que as políticas de saúde, principalmente as relacionadas à atenção humanizada, deem especial atenção aos cuidados nos períodos da gestação bem como no período peri e pós-natal, buscando garantir um conhecimento maior na população de mulheres sobre a importância da qualidade do vínculo afetivo materno na prevenção e promoção da saúde mental.

Certamente outros estudos que abordem novos arranjos familiares da contemporaneidade – paternidade compartilhada, adoções de bebês por casais homoafetivos, dentre outros – enriquecerão este campo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. Laplanche J, Pontalis J B. Vocabulário da Psicanálise. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2001. p. 9.
2. Badinter E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1985.
3. Ariès P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC; 1981.
4. Rousseau JJ. Emilio, ou da educação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1995. p. 24.
5. Freud S. (1926[1925]). Inibições, sintomas e ansiedade. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XX. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
6. Bowlby J. Cuidados maternos e saúde mental. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
7. Winnicott DW. A família e o desenvolvimento individual. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2011.
8. OMS. Relatório sobre a saúde no mundo 2001. Saúde mental: nova concepção, nova esperança. Genebra: OMS; 2001[acesso em 28 maio 2015]. Disponível em: <http://www.abebe.org.br/wp-content/uploads/oms2001.pdf>.
9. Bowlby J. Apego e perda: separação: angústia e raiva, v. 2. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2004.
10. Bee H. A criança em desenvolvimento. 9ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
11. Spitz RA. O primeiro ano de vida. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
12. Pontes GAR, Cantillino A. A influência do nascimento prematuro no vínculo mãe-bebê. J. bras. psiquiatr. 2014;63(4):290-98.
13. Ribeiro DG, Perosa GB, Padovani FHP. Fatores de risco para o desenvolvimento de crianças atendidas em Unidades de Saúde da Família, ao final do primeiro ano de vida: aspectos sociodemográficos e de saúde mental materna. Ciênc. saúde coletiva 2014;19(1):215-226.
14. Landim LS, Veloso LS, Azevedo FHC. Depressão pós-parto: uma reflexão teórica. Rev. Saúde em Foco. 2014;1(2):41-59.
15. Dadalto EC. Interação mãe-bebê e uso de chupeta no contexto do nascimento pré-termo:cultura, representações sociais e processos proximais [tese]. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo; 2014.
16. Scalco MO, Donelli TMS. Os sintomas psicofuncionais e a relação mãe-bebês gêmeos aos nove meses de idade. Temas psicol. 2014;22(1):55-66.
17. Ainsworth MDS. Pesquisas sobre os efeitos prejudiciais da privação. In: Bowlby J. Cuidados

- maternos e saúde mental. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2006.
18. Silva JMÇ. Significado para as mães sobre a vivência no Método Canguru [mestrado]. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2014.
 19. Calvetti PU. A pele e o toque no desenvolvimento humano: da prevenção em saúde aos aspectos biopsicossociais implicados no adoecimento. Calvetti PU, Silva DQ da. Psicologia, educação e saúde: temas contemporâneos. Canoas: UnilaSalle, 2014. p. 27-39.
 20. Souza CG, Machado GMA, Nunes LL, Aquino FSB. Crenças maternas sobre o desenvolvimento sociocomunicativo de bebês. Temas psicol. 2014;22(2):497-508.
 21. Lima LK, Kind L. Processos de subjetivação vivenciados por mães em uma unidade de neonatologia. Psicol. estud. 2014;19(4):575-585.
 22. Oliveira CS. Os nomes plantados nas árvores genealógicas [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2014.
 23. Santos CV. Um novo pai, novas funções? Considerações sobre a relação pai-bebê no período da dependência absoluta [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2014.
 24. Jager ME, Dias ACG. Paternidade adolescente e o envolvimento paterno na perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. Pensando fam. 2014;18(1):45-54.
 25. Perrelli JGA, Zambaldi CF, Cantilino A, Sougey EB. Instrumentos de avaliação do vínculo entre mãe e bebê. Rev. paul. pediatr. 2014;32(3):257-265.